

O retrato da conjuntura

ESTADO DE SÃO PAULO

* 9 OUT 1995

A Confederação Nacional da Indústria acaba de apresentar dados segundo os quais não existe a propalada recessão. Se, durante dois meses consecutivos, as vendas reais da indústria acusaram queda, em agosto registraram crescimento de 5,95%, o que não pode ser considerado um resultado desfavorável, quando, nos oito primeiros meses, em valor real, tais vendas resultaram num aumento de 19,05%, que seria preocupante se a comparação não tivesse incluído, para o ano passado, o período pré-Plano Real, que foi insatisfatório.

Para alguns, tal retomada se vincula a fatores sazonais, o que não nos parece justificável quando se verifica que a produção industrial, em agosto, ficou 0,6% acima do mesmo mês do ano passado, em meio à euforia provocada pelo

retorno do crediário. Na verdade, dois fatores parecem explicar a queda da produção nos dois meses anteriores a agosto: a insolvência e as estimativas, excessivamente otimistas, das fontes industriais. Efetivamente, a onda de insolvência, irrompida a partir de maio, levou os comerciantes a se mostrar mais prudentes na distribuição dos créditos, o que, naturalmente, resultou numa queda da demanda. Sabe-se que a insolvência está caindo, ao mesmo tempo que as famílias planejam, com mais realismo, suas compras.

A indústria tardou a adaptar-se a essa realidade: ampliou, acima do razoável, sua produção, o que teve por efeito um fortalecimento de estoques, aos quais, durante dois meses, teve de recorrer, reduzindo a produção, agora ajustada ao nível real da demanda. Não se

deve estranhar essa recuperação, notada a partir de agosto, que se prolongaria até o final do ano.

Em primeiro lugar, as autoridades monetárias, seguindo política menos austera, devolveram ao mercado cerca de R\$ 13 bilhões, dos R\$ 50 bilhões anteriormente recolhidos. Por outro lado, apesar da ampliação do desemprego, registrou-se um aumento da massa salarial (determinada por melhores salários) de 13,7% nos oito

primeiros meses do ano em relação ao mesmo período de 1994, fato que compensou a queda da demanda dos desempregados. Cumprir e acrescentar um fator menos positivo: o agravamento do défi-

cit público, que representa uma injeção de recursos para os consumidores (na verdade, mal distribuída...).

Nada permite pensar que a tendência atual poderá modificar-se, ainda que se esteja verificando uma redução progressiva dos aumentos em relação à mesma quadra do ano passado, ou seja, os meses imediatamente posteriores ao início do Plano Real, aliás marcados por demanda excepcional, embora artificial. Convém

aduzir que a queda da taxa de inflação está contribuindo para um fortalecimento do poder aquisitivo, numa economia que vem reduzindo seus custos de produção.

A escalada industrial em agosto desmente a recessão. Mas houve excessivo otimismo